

## Segundo olhar

As obras de Daniel Africano presentes na exposição “(COM)SEQUENCIAS” possuem uma carga emocional que se revela fruto da tensão provocada pelo jogo de forças presente. A dialéctica entre força e fragilidade, que se torna evidente num segundo olhar, permite-nos vislumbrar uma outra dimensão, tanto nas personagens que o artista nos apresenta, como nas paisagens imaginárias e nos espaços interiores. Uma outra dimensão, para além daquela que nos é dada a ver no imediato. Recorrendo a uma linguagem realista, Daniel Africano transporta para a tela o jogo que estas personagens, reais, vivem no seu dia-a-dia. Também elas escondem ou revelam, de acordo com a aproximação do outro, as suas forças ou fragilidades. Na verdade, fazem o que todos nós fazemos. As regras da vida em comunidade obrigam-nos a carregar máscaras sociais durante boa parte do nosso tempo. Tanto, que por vezes as deixamos ficar e fazemos delas uma parte de nós, da nossa identidade. Mas é impossível saber o que está para trás daquele momento registado na tela, quais os eventos que marcaram a formação destas pessoas.<sup>1</sup> Terá sido por esta razão que Daniel Africano as escolheu. Por lhe despertarem curiosidade e a sensação de estar perante uma figura complexa, com mais para mostrar do que aquilo que quer deixar ver. Uma pelo peso da idade, outra pelas condicionantes do meio, outra pelas condicionantes familiares, todas elas revelam uma faceta dura que confronta aquele que se aproxima. Quebradas as defesas, podemos avançar e imaginar um homem cansado, cujos anos áureos são apenas uma memória, um homem que vive integrado na sua comunidade ainda que à margem da outra e uma mãe protectora que tem de sobreviver e cuidar dos filhos. Tal como as personagens de Stendhal, estas que Daniel Africano retrata são o resultado de factores como o meio, a educação e a hereditariedade, o que determina de forma decisiva, pelo menos para nós observadores, o seu carácter.<sup>2</sup> São, sem dúvida, fruto de escolhas e acções passadas que resultam no seu presente.

Encruzilhadas no caminho como as que Daniel representa nas suas paisagens. Também nelas se revela a tensão anterior. Paisagens carregadas de intenção que se abrem num horizonte avassalador apenas para revelarem a nossa fragilidade perante elas. Que representam? Espelham os nossos medos ou os nossos desejos?

---

<sup>1</sup> Goethe, no modelo *bildungsroman*, sugeria uma matriz narrativa para as suas personagens sustentada nas experiências vividas durante a adolescência, ou anos de maturidade. Na obra de Daniel Africano, a juventude das personagens é algo do passado, impossível de apreender. O que quer que tenha marcado a forma de ser destas personagens está-lhes reservado só a elas, pelo que temos que procurar outras pistas para a leitura da obra.

<sup>2</sup> No método analítico de observação psicológica de Stendhal somos obrigados a construir a nossa leitura da personagem através de pormenores e sugestões.

Tarkovsky acreditaria enfrentar um mundo onde os desejos realizados já devoraram a sua própria substância, despojando-nos de qualquer capacidade de imaginar o futuro. Desejos que, em vez de utópicos, correm em sentido contrário num mundo perigoso cujas encruzilhadas não oferecem alternativa.<sup>3</sup> Presos entre céu e terra, estamos numa zona que poderemos identificar com uma espécie de sonho, povoada de elementos estranhos, simbólicos se assim o quisermos, que se aceitam como normais se ultrapassada a forma habitual de ver o mundo. É esta área imaginada entre céu e terra, paisagem poética e estética, que Heidegger encara como um evento em si.<sup>4</sup> É esta área que, ao ser lida e interpretada pelo observador funciona como elemento de ligação entre este e o artista. Podemos desta forma partilhar do mundo onírico de Daniel Africano.

Por fim, os interiores. Vazios. Em suspenso. Destas imagens apenas conseguimos retirar uma série de questões pois, aparentemente, já não cumprem a sua função. Para que servem? Por quem esperam? Na verdade, o vazio também ocupa espaço e o silêncio diz mais do poderíamos supor. O que Daniel Africano nos diz neste vazio, neste silêncio, é mais do que transparece nas pequenas telas expostas. Trata-se de uma operação mental que o artista enceta metaforicamente. Um convite à entrada, à ocupação.

Nuno Ferreira, 2012.

---

<sup>3</sup> SARLO, Beatriz – **Paisagens Imaginárias**. São Paulo: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1997, ISBN 85-314-0396-0. p.70.

<sup>4</sup> BOTZ-BORNSTEIN, Thorsten - Heidegger's, Tarkovsky's, and C. D. Friedrich's Landscapes: On the Perception of Space in Dreams. **Films and Dreams: Tarkovsky, Bergman, Sokurov, Kubrick, and Wong Kar-Wai**. Lanham: Lexington Books, 2008. ISBN 0-7391-2187-1.